

CORPO EM TRANSIÇÃO: NARRATIVAS DE UM TERRITÓRIO SIMBÓLICO

Palavras-Chave: ARTE, CORPO TRANS, BORDADO

Autores(as):

NAOMI SHIDA, IA – UNICAMP

Prof^(a). Dr^(a). SYLVIA HELENA FUREGATTI (orientadora), IA - UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Este é um projeto prático- teórico, visto que as discussões teóricas serão mediadas por minhas produções em bordados e vivências enquanto uma mulher trans. Em meus bordados, busco refletir sobre a construção do meu corpo por meio de representações de territórios simbólicos e abstratos, para isso, utilizo: diferentes suportes de expressão; a cor vermelha e seus contrastes como relação íntima e representativa para as minhas experiências; além da construção de suportes em grandes dimensões.

Tradicionalmente, o bordado é associado ao artesanal e compreendido historicamente enquanto uma atividade feminina, dado o recorte de gênero imposto às atividades manuais e apreendidas socialmente como *menores*. Para além do corpo social mais amplo, os estudos de Ana Paula Simioni (2010), discutem como a produção têxtil foi negligenciada pela própria História da Arte, tratando-se de uma atividade feminizada, interpretada como uma prática alienada, escassa de inventividade, e que reiterava o contexto doméstico. Tais questões suscitam as hierarquias presentes nas artes, sobretudo nas produções têxteis, as quais, historicamente, tomaram diferentes rumos em decorrência do Modernismo, do surgimento do feminismo na década de 1970, e que agora, assume novas discussões no campo da arte contemporânea. Pensando nessas questões e refletindo sobre os bordados na contemporaneidade, Rosa Blanca (2015) discute sobre a prática do bordado nos contextos latinoamericanos e caribenhos, ressaltando-a como técnica que atravessou o tempo à contemporaneidade, enquanto ação de resistência feminina. A autora pontua ainda, como tal técnica contribui com os processos subjetivos e identitários:

“Frente al racionalismo instrumental de la contemporaneidad neoliberal, podemos percibir que el acto de preservar, custodiar, traspasar y construir como bordar va más allá de la técnica. Se constituye dentro de procesos intersubjetivos y de identificación. Se trata de un conjunto de prácticas que (re)construye sus propias reglas, estéticas y dimensiones acientíficas. Una forma de doblarse en el tiempo.” (BLANCA, 2015, p. 29)

A partir de tais contribuições, assume-se como importante o papel da práxis do bordado em processos intersubjetivos e identitários, sobretudo no processo de reconstrução e retomada da técnica por artistas mulheres na contemporaneidade. Por meio dessa abordagem pretendo refletir sobre minha práxis poética, direcionada a investigar a representação do corpo trans, suas mudanças e as questões identitárias oriundas do processo de transição de gênero. Portanto, é do meu interesse a construção e fragmentação de suportes, sobretudo por meio do bordado e costura (Imagem 01), de modo que tais trabalhos construam uma narrativa sensível sobre as minhas vivências sociais. Assim, busca-se refletir sobre o corpo trans e os elementos que o configuram enquanto um território subjetivo e simbólico a partir das minhas experiências e poéticas, e amparada nas discussões sobre: arte; corpo; território; gênero e sexualidade.



Figura 1 - “Carcaça”, 2022, bordado e costura sobre lona e fibra de poliéster. Obra na Exposição Individual “Narrativas Ambíguas”, 2023, Residência EXL - Campinas. Foto: Naomi Shida e Samuel dos Santos.

METODOLOGIA:

A pesquisa será desenvolvida em sete etapas, que consistem em: levantamento bibliográfico; leitura e fichamento; produção artística ; produção textual do relatório parcial ; entrega do relatório parcial; produção textual do relatório final; e divulgação científica dos resultados obtidos.

Neste primeiro momento, para a realização do levantamento bibliográfico poderá ser consultado o acervo das bibliotecas do Instituto de Artes (IA - UNICAMP), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH - UNICAMP), do Instituto de Geociências (IG - UNICAMP), além de outros acervos, como o da Universidade Estadual de São Paulo (USP), sobretudo as bibliotecas da Escola de Comunicação e Artes (ECA) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).

Em conjunto ao referencial teórico, serão desenvolvidas experimentações práticas, sobretudo com a produção em bordado, de modo a refletir sobre a minha pesquisa poética, além de pensar sobre esta técnica, por meio da práxis de artistas contemporâneos. Para a realização dos trabalhos práticos serão utilizados os ateliês do Instituto de Artes da Unicamp, tais como a oficina, sala de gravura e pintura. Além do mais, a produção artística engloba o desenvolvimento de um caderno pessoal com desenhos, rascunhos, reflexões, projetos e devaneios que envolvam o processo de criação das obras, além de registrar todo o desenvolvimento do Projeto Experimental e a pesquisa em questão. A produção, também envolve uma descrição das obras desenvolvidas neste ínterim, assim , viabilizando maior intersecção entre o prático e teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Buscando refletir sobre o corpo que me circunscreve, exploro a representação do corpo trans em objetos bordados por meio da construção de volumes, linhas, texturas, a relação com a palavra, e seus aspectos construtivos. Pensando em uma analogia entre as construções do corpo, dos territórios simbólicos, e a reconstrução do eu, a linha surge como elemento de sutura entre as minhas subjetividades e narrativas que me atravessam no mundo real. Desta forma, quanto à prática, o projeto privilegia relatos de criação e reflexão, destacando o bordado e a costura como meios expressivos e ferramentas de articulação crítica acerca de corpos invisibilizados. Refletir o corpo enquanto uma construção social é fundamental para a visibilidade dos corpos de pessoas trans, dentro de minhas poéticas visuais reflito sobre essa construção por meio da destruição e fragmentação de suportes — como a tela de pintura, o tecido, a lona — , e sua reconstrução em bordado e costura.

A obra *Derivas* (Imagem 02), fruto desta relação entre o corpo e o território, discute tais aspectos em uma perspectiva fragmentária acerca do corpo, um território que sofre com o processo de rompimento físico-simbólico resultando em uma nova configuração, assim como as reconfigurações do corpo em transição. A representação do corpo trans dentro de um campo abstrato e demarcado pela representação

fragmentada e territorial evidente em *Derivas*, parte de uma interseccionalidade intrínseca à pesquisa, dada a relação entre o corpo enquanto um território simbólico. O artigo *Do corpo-território ao território- corpo (da terra): contribuições decoloniais* de Rogério Haesbaert (2020), contribui com esta relação por meio de diferentes abordagens, ao passo que discute as noções de território em uma perspectiva latinoamericana. O debate acerca do corpo dentro da Geografia na América Latina possui maior enfoque a partir de 1990, tendo o seu protagonismo através das discussões de gênero e do movimento feminista, especialmente a partir da figura da mulher indígena.



Segundo Haesbaert, a relação entre território e corpo nesses contextos, surge como uma ferramenta de luta, uma vez que se propagava o enfoque das mulheres ao corpo, e aos homens a sobrevalorização da mente. A esse respeito o autor ressalta: “Espacialmente, é indubitável o confinamento (quando não enclausuramento) da mulher no seu próprio corpo (vide, em algumas culturas mais conservadoras, a interdição/invisibilização quase completa do corpo feminino) ou, o que é mais comum, no espaço doméstico ou ‘do lar’.” (HAESBAERT, 2020, p. 79). Além do recorte de gênero, essa relação é permeada por um valor simbólico, assim tratado por ele:

“Trata-se de grupos cuja existência se deve a essa relação indissociável de seus corpos/afetos com os espaços de vivência cotidiana, rompendo, relacionalmente, com a visão dicotômica entre materialidade e espiritualidade, sensibilidade e consciência, natureza e sociedade e, obviamente, corpo e espírito, pois a concepção de corpo/corporeidade embutida nesses “territórios-corpo” é profundamente moldada, também, por um conteúdo simbólico ou, se preferirmos, espiritual.” (HAESBAERT, 2020, p. 87)

Em uma perspectiva mais específica, a autora Amara Moira Rodovalho (2017) discute sobre o processo de auto-identificação de pessoas trans, e como tais identidades se inserem em um complexo jogo social, em que o corpo construído e renegociado sofre com a violência e às pressões binárias e performativas, conformem cruzam a linha da ilusória normalidade. Ela ressalta: “O foco na auto-identificação reforça a ideia de que só se necessita explicar aquilo que cruza a linha, nunca aquilo que não cruza, que deixa de cruzar. Não cruza ou deixa de cruzar?” (RODOVALHO, 2017, p. 369). A pesquisa, parte nesse sentido, de reflexões do cruzar a linha, estar no entre, ultrapassar o tangível da cisnormatividade e transacionar as possibilidades artísticas para um âmbito inclusivo. O contexto das artes tornou-se primacial para a autocompreensão das minhas mudanças, física e subjetiva, ao longo do percurso da minha transição de gênero, sendo um ponto chave para o processo de criação e reflexão deste trabalho. Como apresentado pelas autoras Silva e Alvim, há uma criação intrínseca aos corpos trans: “Podemos assim dizer que é na subversão desses corpos - que vão se construindo, se apresentado de maneiras diversas, e que se fazem visíveis através da arte - que há um protagonismo da criação de si, a

pessoa trans grita sua transição e se faz ver em sua ação criadora de novas corporalidades.” (SILVA; ALVIM, 2020, p. 12).

Apesar do caráter autobiográfico, torna-se fundamental refletir sobre as vivências e a representação de mulheres trans e travestis no contexto artístico, bem como nas intersecções que atravessam suas produções. Estas figuras necessitam transpassar os espaços hegemônicos, atravessar as frestas dos espaços impedidos e pertence-los, tal qual é mostrada na literatura contemporânea, no romance *Destransição Baby* da autora Torrey Peters, as mulheres trans são encaradas enquanto: “[...] jovens elefantes. Somos mais fortes e mais poderosas do que entendemos. Somos sete mil quilos de músculos e ossos forjados de fúria e trauma, armados com lanças de marfim e com rostos únicos na natureza, vivendo em pastagens cheias de humanos que podem ou não querer nos matar.” (PETERS, 2021, p. 101). A leitura de *Destransição Baby*, esclarece como muitas vivências de mulheres trans são compartilhadas e semelhantes, de tal modo que suas experiências sociais contribuem com o movimento feminista e corroboram ativamente na valorização da diversidade de mulheres, na medida que ampliam os elementos atrelados à categoria de mulheridade, essencialmente o ser mulher na contemporaneidade.

Pensando nas discussões de gênero, os estudos de Luiza Bairros (2020) se revelam fundamentais para esta pesquisa, uma vez que ela propõe uma crítica reflexiva acerca de algumas linhas do feminismo, principalmente o radical, como insuficientes no que confere a interseccionalidade entre gênero, raça, orientação sexual e classe. A autora aponta como estas linhas do feminismo utilizam o conceito de experiências universais para definir a concepção de mulher, causando generalizações e limitando as noções de experiência. Além do mais, Bairros também aponta como o caráter biológico dentro das discussões de gênero propagam opressões patriarcais e estereótipos como uma forma de lidar com as discussões sobre os papéis de gênero, ela ainda comenta: “De acordo com o ponto de vista feminista não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada. (BAIRROS, 2020, p. 207). A partir de suas considerações, torna-se evidente a importância de adotar uma perspectiva interseccional para orientar as discussões de gênero na contemporaneidade. Isso se justifica pelo fato de que as mulheres são influenciadas por diversos contextos. Como a própria autora destaca, não há uma única identidade, uma vez que a experiência não está vinculada a aspectos universais, mas sim a fatores sociais e históricos. Esse entendimento implica que a identidade de gênero não se resume apenas a determinantes biológicos, mas também é moldada por normas, expectativas e contextos históricos específicos. Na mesma linha de pensamento, María Lugones (2020) também aborda as intersecções entre gênero, raça, classe, e sexualidade. No entanto, a autora procura evidenciar como o sistema de gênero colonial/moderno impacta tanto mulheres quanto homens racializados.

Conforme delineado por Lugones (2020) em um contexto mais abrangente, a colonialidade está intrinsecamente ligada a medidas de poder e controle, sendo o sistema de gênero tanto um formador quanto um resultado da colonialidade do poder. Lugones, assim como outros autores, critica o modelo biológico que permeia as noções de gênero, destacando como a compreensão do sexo biológico é socialmente construída, sendo a biologia uma interpretação *cirurgicamente construída*. Outro ponto crucial destacado pela autora é a forma como o termo “mulher”, quando utilizado sem especificações, torna-se reduutivo. Isso ocorre porque tal designação pressupõe uma categoria historicamente vinculada a um grupo específico – mulheres burguesas, cis, brancas e heterossexuais –, omitindo a violência, a barbárie e a precarização que a *colonialidade de gênero* enreda.

Em suma, destaca-se não somente a produção em bordado, mas a produção contemporânea de artistas trans e travestis, as quais são essenciais no escopo da pesquisa, dada a urgência em viabilizar as produções destes grupos. Vale destacar as dificuldades em encontrar bibliografias acadêmicas, que dão enfoque à transgeneridade especificamente dentro do campo das artes visuais, o que reforça a necessidade

e importância do segmento da pesquisa. A pesquisa torna-se fundamental ao discutir as noções de corpo, território e os novos desdobramentos do bordado dentro do contexto contemporâneo, relacionando com minha pesquisa poética, que traz as vivências enquanto uma mulher trans para questionar as noções de corpo, identidade e sexualidade. Além disso, compreende-se a pesquisa enquanto resultado de estudos desenvolvidos desde o início da graduação, e que passam a tomar novos rumos, tendo em vista os repertórios teóricos e práticos adquiridos. Há assim, a necessidade de novas perspectivas e questionamentos sobre a transgeneridade no campo das artes visuais, bem como o papel de artistas transgeneros, e os espaços que elas ocupam frente às discussões que permeiam a contemporaneidade.

CONCLUSÕES:

Assim, por meio dessas perspectivas interseccionais, evidenciamos como o gênero é influenciado por diversos recortes, revelando-se como uma construção social. Ao abordarmos especificamente a transgeneridade dentro desse contexto, percebemos a emergência de novos horizontes nas discussões de gênero e como essas contribuem para a expansão e enriquecimento das concepções sobre identidade e os papéis de gênero. Nesse sentido, a transgeneridade não apenas se configura como uma expressão singular da diversidade de gênero, mas também desafia e amplia as fronteiras tradicionais que delineiam essas discussões. A compreensão mais profunda dessas interconexões propicia uma visão mais abrangente sobre como as identidades de gênero se entrelaçam com outros elementos sociais, culturais e biológicos. Ao direcionarmos nossa atenção para a importância dessas discussões no contexto da população trans e travesti, percebemos que estas não apenas ampliam a conscientização, mas também desempenham um papel crucial na desconstrução de estigmas e na promoção da inclusão. As conversas sobre gênero, quando enriquecidas pela perspectiva trans, desafiam normas preestabelecidas, fomentando a aceitação e a valorização da diversidade.

As discussões sobre gênero nos proporcionam uma compreensão mais profunda da complexidade das vivências de pessoas trans, destacando a interseccionalidade dessas experiências, que ultrapassam fronteiras compartilhadas. Ao abordar o recorte de gênero presente nas práticas do bordado e costura, torna-se fundamental promover novas perspectivas sobre as técnicas manuais e domésticas, considerando-as como ferramentas expressivas na contemporaneidade. As produções realizadas durante minha transição de gênero, denotam uma transição em minha própria produção e poética artística, a mutabilidade de meu corpo, de meus interesses enquanto uma artista e mulher trans, das minhas escolhas, e narrativas.

BIBLIOGRAFIA:

- BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje perspectivas decoloniais**. 1ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp. 206 - 214.
- BLANCA, R. M. El bordado en lo cotidiano y en el arte contemporáneo: ¿práctica emergente o tradicional?. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30006>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- HAESBAERT, R. DO CORPO-TERRITÓRIO AO TERRITÓRIO-CORPO (DA TERRA): CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS. **GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020.
- LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). **Pensamento feminista hoje perspectivas decoloniais**. 1ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp. 52- 83.
- PETERS, Torrey. **Destransição baby**. Trad. Luisa Geisler. São Paulo: 1 Ed. Tordesilhas, 2021.
- RODOVALHO, A. M.. Cis By Trans. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. Rev. Estud. Fem., 2017 25(1), p. 365–373, jan. 2017.
- SILVA, F. F.; ALVIM, M. B.. [TRANS] EXISTÊNCIA: CORPOS ERRÁTICOS, GESTICULAÇÕES POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, n. Psicol. Soc., 2020 32, p. e222589, 2020.